

**MEMORIAL DESCRITIVO**

**PROFESSOR TITULAR**

**PROFESSOR JOSÉ LUIZ DOS ANJOS**

**VITÓRIA**

**Março (verão) de 2020**

## **DADOS PESSOAIS**

Nome	<b>JOSÉ LUIZ DOS ANJOS</b>
Departamento	Departamento de Desportos - CEFD
Centro	Centro de Educação Física e Desportos
Matrícula Ufes	Nº 6669-6
Matrícula SIAPE	Nº 1175330-7
Área / Subárea (CNPq)	Ciências da Saúde/Educação Física
Regime de trabalho atual	40h - DE
Situação atual na carreira	Professor Associado D-IV
Data da última progressão	<b>28.03.2018*</b>
Progressão pretendida	Classe E - Professor Titular
Interstício	Março/2018 a Março/2020 (Classe D p/ E)

## Memorial

*Minha trajetória  
É marcada por decisões  
Plantada por esperanças  
E regada por lembranças  
Que ainda o tempo não levou.*

Este memorial traz a soma de pedaços de lembranças que ainda o tempo não levou e ora, por ora, teimam em vir à tona. Em alguns momentos aumento um ponto, talvez por sentir que as recordações já não se fazem cem por cento e novas cores e roupagens vão se formando, e outras teimam em desaparecer. Então, este memorial não conta tudo, nem mesmo o que está registrado no documento denominado de Lattes, embora, talvez, estejam ali as lembranças mais importantes para galgar a última hierarquia acadêmica. Trata-se, portanto, de lembranças acadêmicas guiadas pelas vias institucionais, mas também de miscelâneas dos conflitos de professor. O Lattes bem que poderia contemplar poesias, músicas, canções e falar de *pontes* construídas ao longo da vida acadêmica.

Como professor, minhas experiências na lida pedagógica percorreram caminhos distintos. Ministrei aulas para crianças nas séries iniciais, atuei em equipes profissionais de esportes de alto rendimento, no ensino fundamental e médio e, atualmente, no ensino superior. Foram caminhos oportunos que me consubstanciaram em múltiplos conhecimentos. Passado algum tempo, percebi que fui influenciado pela leitura do Pequeno Príncipe: “Quando a

gente anda sempre para frente, [caminho reto] não pode mesmo ir longe...”. Com esse pensamento, procurei vivenciar diversos caminhos, pois penso que, quando experimentamos apenas um, nos privamos de outras possibilidades que podem nos levar a resultados ainda melhores. É preciso explorar a vida em várias direções na profissão. Essa é a razão pela qual a Banca de Avaliação que se encontra à minha frente é constituída por doutos professores, que possuem multiplicidade e diversidade de conhecimentos.

É pertinente destacar que, quando fui apresentado em todos os espaços pelos quais passei, sempre fui apresentado como professor, e não como José Luiz. Isso me fez recordar o Pequeno Príncipe: “Quando a gente lhes fala/apresenta um novo amigo, as pessoas grandes jamais se interessam em saber como ele realmente é. [...] Mas perguntam: Qual é a sua profissão? Somente assim é que elas julgam conhecê-lo”. Contudo, tenho a dizer que, em todos esses espaços, eu procurei criar pontes.

Parece-me que, quando perguntamos a uma criança, ou até mesmo a um adolescente ou jovem, quais são seus planos para o futuro, de forma uníssona, ouvimos nas respostas a denominação de uma profissão. A profissão é que direciona o futuro ou é o planejamento *tipo* ideal que garante a sucessibilidade. Parafraseando C. Dejours: - **Diga-me sua profissão que direi quem você é.**

**Tenho dificuldades de me situar e entrelaçar eventos, falar que este ou aquele influenciou o outro e caminhou no sentido de construir um terceiro evento. Cheguei até aqui porque, ao longo da vida acadêmica e de toda a minha vida, caminhos foram construídos, direcionados, firmados, alicerçados e decisões foram tomadas.**

Não sei se queria isso, quando iniciei minha carreira docente, mas os caminhos construídos e as brechas abertas no mundo acadêmico me possibilitaram alcançar o último degrau no contexto acadêmico. Hoje sei

que fiz a escolha certa, pois, profissionalmente, encontro-me no interior de um *fato social total* e, neste momento, venho pleitear o cargo de professor Titular que a Universidade oferece para quem chegou até aqui, após 25 anos de magistério no terceiro grau e mais 13 anos nos níveis de ensino fundamental.

Tudo começou quando eu estudava na EEEF Alcides Guidetti Zagatto, em Piracicaba SP, nos anos de 1970. Lá cursei da 5<sup>a.</sup> a 8<sup>a.</sup> série do ensino fundamental. Era o *melhor* aluno da escola nas aulas de Educação Física e o melhor aluno da sala em Geografia. O professor de Educação Física só dava corrida e saltos, pois próximo havia uma área aberta, perto da escola. Lá eu corria mais e saltava mais.

Porém, logo aos 13 anos, comecei a trabalhar e deixei de fazer aulas de Educação Física. Tenho boas lembranças de alguns professores e de suas metodologias. Se pudesse voltar a encontrá-los, agradeceria pelos incentivos pertinentes à minha potencialidade como futuro atleta.

Mais uma vez volto a refletir sobre o Pequeno Príncipe: somos vistos pela aparência e o que salta aos olhos do outro está acima da essência.

Ao finalizar meus estudos no antigo primeiro grau, fui estudar em uma escola privada. Uma das melhores da cidade: o Instituto Educacional, *O Piracicabano*, escola de ensino fundamental e médio. Como praticava atletismo, recebi bolsa de estudos e, assim, consegui terminar o ensino médio e toda a minha formação superior, sempre recebendo/obtendo bolsa de estudos por pertencer à equipe de atletismo que representava a escola e a universidade.

Aos 13 anos, passei a trabalhar em uma instituição que encaminhava adolescentes acima de 12 anos para o campo de trabalho. Fui indicado para prestar serviço em um cartório e passei a conviver com pessoas distintas

socialmente. Realizava atendimento ao público. Futuramente, continuei a trabalhar nesse e fui sendo influenciado pelas responsabilidades de emissão de determinados documentos que emitia e de decisões que tomava sendo unicamente de minha responsabilidade.

Foi justamente nessa instituição, chamada Guarda Mirim, que comecei a praticar atletismo (1974). Lembro-me de que fomos disputar um campeonato de atletismo em Cubatão/SP, cidade litorânea, próxima de Santos. Após os resultados, o técnico da equipe de atletismo da cidade de Piracicaba me chamou para treinar. A instituição me dispensava dois dias na semana e aos sábados para treinar. Pronto! Foi assim minha entrada no esporte e no atletismo, que pratico até hoje, pois ministro a disciplina Fundamentos do Atletismo desde fevereiro de 1995, no Curso de Educação Física desta Universidade.

O professor era Idico Pelligrinotti, conhecido por Deco. Hoje, aposentado da Universidade Metodista de Piracicaba e atua no Curso de Educação Física da Unicamp/SP\*. Diria que foi um marco em minha vida, pois muitas lembranças que tenho, dos 12 aos 26 anos de idade, ainda resistem e se reportam ao tempo de treinamento, dedicação, viagens e relacionamentos de amizades que obtive na prática do atletismo. Ainda me encontro com alguns colegas da época, após 32 anos de separação.<sup>1</sup>

No atletismo, disputei todos os campeonatos brasileiros que não fossem por índices técnicos, na época, entre eles, o Troféu Brasil de Atletismo. Nossa equipe de revezamento 4x100m, por algumas vezes, consagrou-se entre as três primeiras, mesmo não tenho nenhum velocista na final dos 100m.

---

<sup>1</sup> Recentemente, em julho de 2019, realizando cursos de capacitação no Centro Nacional de Desenvolvimento do Atletismo (CNDA), a convite da própria Confederação, encontrei-me com o professor Katsuiko Nakaya que, em 1979, obteve a melhor marca dos 100m rasos da América. Treinamos juntos em Piracicaba, ao longo de um ano, quando alcançou essa marca. Referindo-se a nossas lembranças, ele me perguntava sobre algumas ideias que tinha na época e se elas foram alcançadas.

Regionalmente, foram dez anos de competições, de 1977 a 1987. A equipe masculina do E.C. Banespa que, logo após, 1979, tornou-se A.D. Unimep, da qual fiz parte, foi campeã geral em dez disputas que abrangiam, na época, cerca de 130 municípios do interior de São Paulo.

Penso que a escolha da prática de uma modalidade esportiva não é tão somente uma atitude subjetiva, nem determinada pela facilidade da prática, pela relação com grupos de amigos. A escolha de uma modalidade esportiva resulta de uma prática social. Para o adolescente/jovem, as oportunidades de vivenciar uma intervenção constituinte é, em certos momentos, um fator determinante que colabora no processo de superação de dificuldades ligadas às diversas dúvidas sobre as escolhas futuras e também fornece elementos para consolidar perspectivas na vivência das exigências da vida social.

A realidade social, em contínuas transformações, na adolescência e na juventude, traz consequências a todos os seus segmentos, inclusive no mundo do trabalho. Acredito que reside aí a importância que a prática do esporte teve em uma fase de minha vida. A prática do atletismo me trouxe um rol de identidades que acredito que não encontraria em outras *práticas sociais*. Digo isso, porque as práticas sociais, principalmente as relacionadas com o trabalho, resultam na fragmentação do sujeito e perdemos referências que sustentam a nossa *estabilidade no mundo social*.

As transformações sociais provocam mudanças também nas identidades com as quais nos relacionamos, pois essas nos fazem ver o outro não como sujeito total, fazendo perder a estabilidade do sentido do outro e de nós mesmo (Hall). A razão de trazer essa discussão é que o produto do esporte apresenta uma concepção de sujeito sempre em transformação, mas capaz de manter uma relativa unidade.

Diria que a identidade encontrada no esporte difere da que nos forma no mundo acadêmico. Se, de um lado, o esporte unifica o sujeito, de outro, a

vida acadêmica o fragmenta, pois a cada momento há luta pela dinâmica da inclusão e a justificativa pela ocupação de espaços de representatividade de capitais simbólicos, como pós-graduação etc.

Embora a identidade vista no esporte seja unificadora, as narrativas pertinentes à vida acadêmica, de professor, mesmo com recortes distintos do que ocorre no esporte, de maneira ampla, mostram-nos que as narrativas se assemelham: somos avaliados por números.

De outro prisma, a prática do atletismo me possibilitou transitar em outros espaços do esporte, entre eles, o futebol, porque garantia a possibilidade de transposição de treinamento. Isso foi no início de minha vida profissional.

Fiz parte de alguns times de futebol até os 18 anos, recreativamente. Era bastante requisitado porque, naquela época, a característica principal dos jogadores de ponta-direita e esquerda era a velocidade. Essa habilidade eu tinha, então era chamado para jogar nos campeonatos da cidade e nos regionais.

Chegou o ano de 1982, prestei o processo seletivo para o Curso de Educação Física na Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep). Curso noturno, pedagogicamente aplicado. Das disciplinas, lembro-me bem, sem precisar buscar no PPC do curso: Atletismo I, II, III, IV, V e VI, Natação, Basquete, Voleibol, Handebol de I ao IV e as demais disciplinas esportivas I ao III, como Dança, Judô etc.

A primeira disciplina do curso: Filosofia. O primeiro professor a se apresentar em sala de aula: Bruno Pucci. Ele indicou o livro *O que é Educação Física*, de Vitor Marinho de Oliveira. Livro de formato pequeno da Coleção Primeiros Passos, com sua primeira tiragem naquele ano. Fez algumas perguntas para a turma da sala, e nada! Como percebeu que não teria respostas, passou a falar de Filosofia. Também nada. Esbocei algumas



respostas, o professor gostou e passou a me questionar... mas eu não tinha respostas de pronto.

Primeira aula: de um lado, o professor um pouco aborrecido e, de outro, os alunos. Após o professor sair da sala, indagavam um ao outro, sem conhecer quem era quem: por que aquela disciplina num curso de Educação Física. Como o coordenador disse que quem tivesse dúvidas e outras questões deveria procurá-lo, no segundo dia de aula, procurei-o e falei da aula de Filosofia. Tentando me explicar, indicou uma leitura e solicitou que, após ler, voltasse à sua sala. Parece-me que estava inaugurada uma orientação formal. O gosto por leituras de Filosofia e Sociologia foi se tornando eclético em minha formação: de um lado, a totalidade do curso com as disciplinas técnicas/aplicadas e, de outro, tomando gosto pelas leituras das ciências humanas/sociais.

No decorrer do curso, fiz mais de 15 cursos de arbitragem em diversas áreas: futebol de campo, natação, handebol, voleibol, basquete, atletismo etc. Era o que era ofertado naquele momento nos Cursos de Educação Física. Alguns eventos eram realizados no curso. Lembro-me da palestra do professor João Paulo Medina. Após o seu discurso, todo mundo dizia: veio falar de política, não entendi nada! Todos acreditavam que o professor Medina falaria de futebol.

Outra palestra que me deixou interessado, porém não tinha suporte para entendê-la, foi a do professor português Manuel Sergio Vieira. Fez uma apresentação falando de paradigmas da Educação Física e de outras coisas mais, como: Educação Física e a ciência da motricidade humana; a dificuldade da Educação Física em definir o objeto de estudo; e a identidade da Educação Física. O palestrante/apresentador também procurou explicar as matrizes teóricas, às quais essa disciplina se vinculou. O professor Manuel Sergio dizia: Como ciência, a motricidade humana tem por objetivo ler as

ações do sujeito que, por meio de seu gesto intencional, visa a transcender. E continuava: A motricidade também tem por objetivo a formação de pessoas críticas, que incorporem o conhecimento adquirido para que venham a intervir cultural e politicamente no sentido emancipatório. *Transcedência, intencionalidade* eram conceitos pouco ou mesmo nem eram discutidos/conhecidos na Educação Física.

No curso, não havia disciplinas que fizessem essa abordagem. Recorria a alguns professores, mas poucos conseguiam sanar as dúvidas ou dar conta desses conceitos. Entre os que explicavam os “paradigmas”, estava o professor Wagner Moreira. Fiz leituras de suas obras e escritos até a realização do mestrado e tomei como paradigma de pesquisa os estudos da corporeidade.

Naquela oportunidade, estava na equipe de atletismo da A.D. Unimep e vinculava meu tempo na comunidade à função de presidente da Associação Comunitária. Logo, passei a dirigir o Diretório Acadêmico da Educação Física e fui diretor da União Estadual de Estudantes (UEE), em 1984. Fui parar, em alguns momentos, no meio de discussões açodadas nas reuniões do Departamento do Curso de Educação Física, sem saber o que estava acontecendo e tendo que tomar decisões. Refletindo, posteriormente, sobre esses encontros/reuniões dei-me conta do que estava acontecendo: discussões sobre paradigmas e abordagens pedagógicas da Educação Física e de *poder*. Um grupo de professores apresentava propostas de uma Educação Física que buscava legitimidade, utilizando amparo nas ciências sociais, e outros professores viam, nos métodos dos Manuais de Educação Física, caminhos para obtenção de sucesso nas aulas dessa disciplina. Entre escolhas equivocadas, como estudante, percebo, hoje, quanto os estudantes que fazem parte e se encontram em instâncias de decisões são levados a tomar posições alheias em questões que são de interesses de grupos.

Ainda em 1985, participei do primeiro Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Conbrace) em Poços de Caldas. O que me motivou foi o convite dos professores da Unimep, Pedro Winterstein e Wagner Moreira. Nesse Conbrace, havia um grupo querendo guindar a diretoria do CBCE, que pertencia à ala da Educação Física voltada para discussões sociais do esporte. Durante o congresso, recebi a revista com os textos/resumos a serem apresentados. Aí me dei conta do vasto campo de estudos da Educação Física e da complexidade que envolvia estudar uma área. Digo isso porque, até então, não tínhamos facilidade de buscar conhecimentos. Hoje, com apenas um clic, temos um contingente de textos/artigos baixados no computador, já filtrados pelos conceitos que buscamos e queremos estudar.

Voltando à graduação, nos últimos tempos do Curso de Educação Física, fiz estágio na área do esporte. Nessa época, ainda praticava atletismo na A.D. Unimep. Permaneci seis meses na A.D. Unimep estagiando com basquetebol feminino junto com o professor Wagner Bergamo. Em 1984, passei a estagiar no E. C. XV de Novembro de Piracicaba, com as equipes infantil e juvenil.

O ano de 1985, último ano do curso, foi repleto de situações distintas. Continuava na equipe de atletismo da A.D. Unimep e passei a estagiar na equipe sub-20 do E. C. XV de Novembro. Estagiar em um clube de futebol profissional que, naquela oportunidade, estava disputando a Primeira Divisão do Campeonato Paulista era o sonho e o objetivo de muitos estudantes do Curso de Educação Física. Como realizava os treinamentos a partir das 16h, estagiava pela manhã. À tarde era a equipe profissional. Ao final do campeonato paulista juvenil, passei a assessorar o preparador físico do grupo profissional. Antes dos treinamentos, eu ministrava 20 minutos de exercícios de alongamentos/flexibilidade. Tinha tempo, pois, finalizado o

campeonato juvenil, alguns jogadores da equipe de base eram chamados para integrar as equipes secundárias e treinar com os profissionais.

Em 1985, foi meu último ano na equipe de atletismo. Já formado, praticamente, era preciso trabalhar. Continuei atuando nas equipes de base, mesmo após formado, esperando uma oportunidade: talvez um contrato com o XV de Piracicaba. O sonho de trabalhar com futebol profissional e estar junto da primeira equipe me fez trabalhar seis meses sem qualquer contrato. Nesse mesmo ano, entrei para a Prefeitura de Piracicaba e, logo após, prestei concurso. Então os dirigentes do XV de Piracicaba me solicitaram à Prefeitura e lá permaneci como professor de Educação Física até o final de 1988.

Meu *sonho* era ter um contrato com um clube profissional de futebol. Esse era meu objetivo como professor, mas, ao final do mês, sabia que poderia contar com o salário na conta bancária e, no ano seguinte, eu me casaria, o que exigia solidez no trabalho e na vida financeira. Minha filha, a princesa Ariadne, nasceu em abril de 1986 e, logo em seguida, veio Luiz Augusto, em 1987. São dois filhos do jeito que pensei. Se, de um lado a vida familiar estava vencendo, no campeonato paulista, estávamos perdendo.

Um fato que marcou minha vida nessa equipe profissional foi quando, quase ao final do campeonato paulista, o preparador físico deixou a equipe e, nos últimos jogos, sentei-me no banco ao lado dos reservas, como preparador titular da equipe, junto com o técnico Muri, então ex-profissional do XV de Piracicaba dois anos passados. Sentar-me no banco de reservas e do técnico em pleno Morumbi ou no apertado Vila Belmiro, campo dos Santos, e empatar 0x0 são lembranças que não vou esquecer. Também permaneceu na memória perder de 0X3 para o Botafogo de Ribeirão Preto, em pleno Barão de Serra Negra, com a torcida gritando: “Esses caras não correm”. Aliás, correr era o treino que mais eles (jogadores) faziam. Todo final de

mês aplicava um teste/avaliação de 30, 50, 100 e 1000m. Gritava os resultados de cada um. Ao final do treino, torcedores que assistiam aos treinos, vinham ao alambrado me parabenizar: “professor, parabéns. O senhor está fazendo um bom trabalho. Eles estão correndo bem”, sem sequer dar conta do que é correr 100m em 12 segundos.

Treinar uma equipe profissional de futebol me deu condições de vencer desafios, não ter medo de multidões, e hoje defendo minhas ideias, coloco minhas posições políticas, mesmo sabendo que estou sozinho, distintamente de colegas que só se posicionam quando percebem que estão em maioria. O esporte me ensinou que, se quisermos ser vencedores, teremos que fazer enfrentamento, temos que ir para cima.

Assim tem sido minhas atitudes em meu Departamento/Conselho. Entrar em campo e receber intimidações, como vaias, e ao mesmo tempo vibrar com uma conquista longe do meu campo de jogo se traduzia em uma alegria solitária. Aprendi a lidar com isso desde cedo. Ao final, jogando em casa, tivemos duas derrotas no final de 1986 e, para 1987, a troca de técnico fez com que voltasse a treinar as equipes de base juvenil e juniores, agora como técnico, novamente, mas auxiliando o professor do profissional juntamente com Gainetti, técnico do primeiro turno do XV de Piracicaba.

.....

O que também me fez crescer na vida política, na vida acadêmica e entender a Educação Física foi o fato de, em Piracicaba, ter conhecido dois professores, Ricardo D. Colpas, hoje professor doutor na Universidade Federal de São João Del Rey/MG, e Luis Antonio Coletti. Costumávamos nos reunir e discutir sobre Educação Física, e metodologicamente, debater a partir de um texto dado. Não havia grupos de estudos. Logo após, já nos anos idos de 1988, ampliamos esse grupo, pois conhecemos outros professores que estudavam a Educação Física. Entre eles cito Francisco

Eduardo Caparroz, hoje professor nesta casa, no CEFD, desde 1997. Outro professor que agregava e se colocava na ponta das discussões era o professor Renato Sampaio Sadi, hoje professor titular da Universidade Federal de São João Del Rey-MG. Havia outros que, no momento, não recordo, com quem nós nos reuníamos em São Paulo ou em Campinas e, a partir de um texto prévio, passávamos tardes ou manhãs nas discussões. Devo dizer que esse grupo me proporcionou alicerçar meus conhecimentos e ter postura em frente a algumas questões que envolviam a Educação Física na época e atualmente.

Mas nós precisávamos aumentar a participação nesse grupo. Foi, então, que convidamos o professor Lino Castellani Filho, na época professor na Unicamp, para fazer o contraponto do grupo. O professor Lino aceitou o convite e, durante dois ou três anos, com encontros mensais ou até quinzenais, nós nos reunimos para debater internamente questões da Educação Física. Esse grupo foi além de minha formação e finalização do Curso de Educação Física na Unimep. Até meados de 1990, ainda tínhamos reuniões, já sem tanta recorrência, mas nos reuníamos informalmente mantendo um calendário.

Um fato importante que impactou, desde o início, a minha vida acadêmica na Universidade, do qual, em dados momentos me dou conta e explicações para *mim mesmo* foi a multiplicidade de leituras. Penso que não fiz o *jogo* acadêmico. Minhas leituras, estudos e gostos durante minha formação na graduação foram múltiplos. Não aponte em uma única direção. Penso que obtive sucesso com essa opção. Digo isso porque percebo na vida acadêmica, nas relações existentes nos contextos no Centro de Educação Física, tanto por professores como por estudantes da graduação, caminhos únicos que foram tomados e que estão sendo traçados. Com certeza a especialização é importante para aprofundar e criar saberes epistêmicos

consistentes, mas fica devendo para questões essenciais da Educação Física, como abordagens metodológicas, pedagógicas, que passam a passos largos e equidistantes em discussões que tratam do PPC do curso ou em uma análise interdisciplinar sobre algum conhecimento/conteúdo do curso.

Penso que ser eclético no campo acadêmico é salutar. É salutar, pois a *ecclesia* não bloqueia o acesso às experiências, porque só há experiências onde há diferenças e onde há novas diferenças são construídas/erigidas novas experiências e no campo pedagógico emerge e cria novos conhecimentos/saberes. Juntar modelos de conhecimentos distintos é principiar e criar paradigmas artísticos e estéticos. A leitura de Erasmo de Rotterdam e Friederich Schiller me motivou a pensar assim. Motivo pelo qual entendo que na formação/graduação devemos nutrir de múltiplos caminhos epistemológicos.

As reflexões sobre o processo de formação na graduação acabam reforçando áreas e linhas de estudos precocemente escolhidas, fechando, ou não despertando, outros referenciais na formação que são muito relevantes. Esses aspectos são fundamentais, uma vez que discutir sobre a trajetória de formação e profissional parece que, — quase sempre, — remete à especialização desde os períodos iniciais do curso. Em outras palavras, é como afirmar que “ser professor universitário”, antes de tudo, é “ser um especialista”. Essa é a lógica do pensamento que considera o conhecimento compartimentado e que hierarquiza professores. Embora neste memorial o objetivo não seja alargar essa discussão, compreendo que a opção por ser um especialista é apenas a extensão da lógica reducionista que permeia a formação.

Comumente, a formação profissional é considerada responsabilidade dos próprios docentes. É decisão do professor o tipo de formação que vai buscar, quando fazer e com qual objetivo, o que resulta no atendimento de

necessidades individuais, ou seja, do professor, e não necessariamente da instituição e do curso. Portanto, cabe aqui questionar: como formar, de fato, um professor generalista em meio ao universo ainda frequentemente reducionista? Como produzir mudanças em meio às demandas da atualidade e de seus avanços tecnológicos e em meio ao reconhecimento da especialização como prestígio profissional e financeiro?

Faço esses questionamentos por estar na área da Educação Física e constato que, ainda que a habilidade e a profundidade sejam importantes para o processo de ensino, a especialização influencia e dá segurança em ensinar o conteúdo, contudo não sei se essa segurança traz maior significado e realidade à *sala de aula*. Somente saber a especificidade ou o conteúdo não é suficiente para ensinar; é necessário também domínio na área pedagógica.

Os processos seletivos/concursos docentes são dirigidos a profissionais especialistas em determinada área do conhecimento, com formação *stricto sensu*, porém a experiência na docência, de modo geral, parece-me que não constitui pré-requisito. Por isso, com a garantia de unir o conhecimento específico da disciplina que leciono com a experiência pedagógica, cheguei à Universidade com 13 anos de magistério ministrando aulas no ensino fundamental.

Fui construindo caminhos em meio ao esporte e estudando questões sociais do esporte e da Educação Física e assim trilhei os caminhos aplicando os conhecimentos da área esportiva, pois me encontrava satisfeito por estar atuando com equipes do cenário brasileiro na área do futebol, do basquete etc. Por outro lado, os estudos no campo da sociologia do esporte, da sociologia dos estudos do corpo, dos aspectos socioantropológicos do esporte me garantiram entrar em um campo no qual, ainda era incipiente, estamos em 1988/9.

.....



## **Entrada na pós-graduação**

Em meado de 1988, acendeu em mim o interesse e desejo de fazer pós-graduação. Entendia a dificuldade de continuar no futebol, no *step* de profissional. Propostas foram por mim recebidas, mas, avaliando concluía que valia a pena continuar como estava e onde estava. Em 1989, estimulado pelos colegas do grupo de estudos, fiz inscrição no processo seletivo do mestrado na Unimep e comecei a cursar as primeiras disciplinas. Com uma formação pautada na técnica e com poucas leituras sobre a introdução à pesquisa, tive problemas em deslanchar nas leituras.

Não havia grupos de estudos com os professores da pós na liderança, contudo fui sondado por alguns professores para me orientar em meus estudos. Entre eles aponto dois que colaboraram muito com minha formação no mestrado: Elias Boaventura, que havia sido reitor da Unimep, e o professor Wagner Moreira, professor durante a minha graduação. Mas, no decorrer do curso, ao redigir meu projeto, fui escolhido pelo professor Francisco Fontanela, da área da Filosofia e atuando há pouco tempo pós-graduação na Unimep.

Durante o curso de pós-graduação, os contatos e participação em congressos, simpósio, Anped aumentaram a solidez e fluência de estudos. A carga de leituras no curso era imensa. Finalizei o curso de pós-graduação em 1993, discutindo acerca do processo de higienização do corpo e a Educação Física, no Brasil, no decorrer das primeiras décadas do século XX.

Ainda participando do grupo de estudos e trabalhando na prefeitura de Piracicaba, em 1994, os professores do grupo de São Paulo, nos convidaram para participar da Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em Vitória/ES. Havia acabado de concluir o mestrado e procurava novos horizontes. Ao chegar em Vitória, apaixonei-me pela cidade e sinto isso até hoje.

Foi nessa participação que fui informado de que, no final do ano, haveria concurso para provimento de professor ao Curso de Educação Física. A exigência era o mestrado. Fui também informado de que, em duas oportunidades, não fora aprovado nenhum candidato. De certa forma isso me animou, mas, ao mesmo tempo, indagava-me da dificuldade de ser aprovado. No entanto, a seleção seria na área do esporte, e justamente para basquete e atletismo, e as aulas seriam desenvolvidas no polo de Nova Venécia.

### **Do concurso - e novos horizontes**

Fiz a inscrição e passei a estudar para o concurso, no final de 1994. Como um dos conteúdos era o ensino de atletismo e basquetebol, procurei orientação do meu professor de atletismo e técnico Idico Pelligrinotti, da equipe de atletismo da A.D. Unimep. Ao chegar para o concurso, me apresentou o professor Nelson Figueiredo, o qual já havia conhecido em João Pessoa, em 1993, quando fiz uma viagem a passeio naquela Capital.

Os membros da Banca do concurso, passavam-me, digamos, certa apreensão pois eram considerados professores que estavam na frente das discussões da “nova Educação Física”. Entre eles, Vitor Marinho de Oliveira e Celi Taffarel. Fiquei entusiasmado tendo na banca o professor Vitor Marinho, pois já tinha lido o livro de sua autoria, situação que me favorecia, pois para os demais candidatos nem tinham ouvido falar. Em relação à professora Celi, apresentou-se muito calma e, ao final, ela me cumprimentou e me deu parabéns. Fiquei sem entender se era uma alusão a que estivesse aprovado ou se era uma despedida por não ter sido aprovado. Ao sair em viagem para participar do concurso, fui informado de que as posições dos professores da Banca de Avaliação eram críticas. Isso me deu ânimo, pois debater Educação Física voltada para comunidades e grupos populares foi o ponto forte na minha formação.

Concorriam quatro candidatos a duas vagas. As bibliografias do concurso não me eram estranhas, pois já tivera contatos com esses autores no grupo de estudos em São Paulo. Fui aprovado e informado que as aulas se iniciariam em fevereiro de 1995. Agora, era avisar a família e falar da novidade. No dia 31 de janeiro de 1995, tomei posse como professor da Universidade Federal do Espírito Santo.

Ministrar aulas em uma Universidade Pública, não se traduzia apenas em uma questão de ter emprego. Antes de tudo, era uma opção por entender que, em uma instituição pública, poderia colocar minhas ideias e fazê-las prosperar. Digo isso porque vivi intensamente esse debate quando fiz o curso de mestrado, pois como aluno do professor Waldemar Sguissardi sempre pensei no ensino público e na universidade pública como uma reconstrução da percepção do que é a sociedade na essência. A minha opção pela Universidade Pública não está afeita à estabilidade de emprego, também, mas, antes de tudo, considero que a Universidade, pela sua *natureza* e finalidade, é palco de discussões sobre a realidade vivida pela sociedade, é um lugar que produz conhecimento, organiza e articula saberes, porém precisa ser entendida como uma política pública que requer atenção. Aqui reside o que quero explicitar: requer investimento do Estado. Essas discussões vejo cada vez mais precárias no seio do CEFD. Nos anos finais de 90, isso estava bem presente. Hoje é impossível saber o que os colegas de Departamento e o contingente de professores do CEFD pensam e qual posição política possuem acerca da Universidade Pública.

### **A Universidade pública**

Em um pequeno esboço sobre a Universidade Pública e o ensino superior, entendo que as reconfigurações da educação superior brasileira são parte de um processo de reformas, a partir de um movimento de transformações

político-econômicas em nível mundial. Reformas as quais, se concretizadas, terão consequências inevitáveis para a identidade institucional da Universidade Pública brasileira. Diante do que está posto, em primeiro lugar, essas consequências caminham para o início ou a proposta de autonomia financeira das universidades, em lugar de autonomia de gestão financeira.

Para Sguissard (2000), a diversificação de fontes de financiamento (inclusive fim da gratuidade) e vinculação do financiamento oficial a resultados e a redefinição do papel do governo no ensino superior são assumidas pelo Ministério da Educação (MEC) quando de suas propostas de reforma desse nível de ensino. A meta é a reorganização desse espaço social segundo a lógica do mercado: modifica-se a natureza das instituições universitárias, que tendem a responder, prioritariamente, às demandas do mercado, assemelhando-se, assim, a qualquer empresa, com prejuízos evidentes para sua *natureza* e identidade tradicionais.

No caso, quem define as demandas? Quais postulações serão atendidas e em que medida? Com a falta de recursos, quem financiará projetos sociais ou as pesquisas sem fins lucrativos imediatos? De cá, interpretando Sguissard (2000), penso: quem financiaria minhas pesquisas ao longo desse período? E por que acredito no contexto da universidade enquanto estou em seu interior?

A Universidade Pública é uma instância em que se pode resistir, de alguma maneira e por mais algum tempo, talvez, a esse processo que traz na sua própria dinâmica um objetivo destruidor das instâncias e espaços sociais. A Universidade Pública é a instituição em que a cultura pode ser considerada sem as regras do mercado e sem os critérios de utilidade e oportunidade socialmente introjetados a partir da racionalidade midiática. Essa é a razão pela qual se critica a Universidade por abrigar tantas as Humanidades como

a Filosofia, as Letras Clássicas, os Estudos Literários etc. Mesmo as áreas de Sociais que se constituíram como ciências – como Sociologia, Antropologia ou História – entram, também, de alguma maneira, no rol dos ornamentos supérfluos, a menos que se prestem diretamente a se transformar em instrumentos de poder tecnocrático.

*O que é utopia...*

*È o vento que faz-me crer*

*que ainda vou viver*

*Um tempo favorável!*

Resistir é acreditar, dentro desse espectro de saberes, que a Universidade Pública é uma utopia. Os desafios são imensos, por isso considero uma utopia. Porém essa utopia não será diferente de outras utopias históricas pelas quais sempre valeu a pena lutar. Mas, quando me aproximo dessa utopia dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos em sua direção e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe em sua direção, jamais a alcançarei. Para que serve a utopia? Serve justamente para isso: para que estejamos sempre caminhando.

No decorrer da vida acadêmica dei atenção a muitas narrativas enredadas pelo engodo privatista, entre esses a democratização do ensino superior. É preciso considerar que hoje vivenciamos as consequências desta ideia de expansão. O conceito de eficiência organizacional, de produção como condição da atividade universitária está definitivamente implantado na instituição pública. Proliferam as análises que tentam diagnosticar as dificuldades enfrentadas pelas universidades públicas como derivadas de defeitos na gestão. Como a instituição pública é em geral mais complexa que as empresas de ensino privado, por ter de atender a expectativas mais amplas de atuação, o modelo de administração não pode se restringir naturalmente à gestão econômica.

A aplicação do modelo privatista a instituições que, pelo menos em tese, se caracterizam pela prioridade dos aspectos intelectuais e acadêmicos, gera as contradições que existem atualmente, mascaradas pela progressiva adaptação do trabalho intelectual e acadêmico às novas exigências, o que passou a ser visto como condição de sobrevivência acadêmica e por isto foi assimilada por grande parcela do corpo docente, a ponto de se tornar a cada dia algo mais “natural” e mais “racional”.

Ser utópico sem ser otimista ingênuo é saber que a democratização da Universidade Pública é garantia de não evasão e da conclusão do curso superior pelo estudante trabalhador. O caráter amplo da democracia não se confunde com a utopia de uma igualdade indiferenciada no seio da Universidade. Também, ao pensar em espaço público, segundo Chaui (1999), as atividades que se desenvolvam (na Universidade Pública) não podem se subordinar a critérios da expectativa de retorno de investimentos. É utópico pensar na democratização, pois depende de políticas de inclusão social, de distribuição de renda, de erradicação da indigência e da pobreza que afetam mais de metade dos brasileiros. Democratização para quem?

Sabendo disso, ocupei a cadeira de professor no Departamento de Desportos do Centro de Educação Física desta Universidade, na qual, neste momento, pleiteio a progressão para Professor Titular.

### **Minha entrada na Ufes**

Em minha entrada na Ufes, inicialmente, não houve dificuldades em relação ao convívio com os professores. Nas reuniões das quais participava, do Conselho do Departamento de Desportos, as discussões tomavam rumos que não permitiam que se chegasse ao final do objeto que estava sendo discutido nos acalorados debates.

Os professores, em sua maioria, especialistas, não viam com bons olhos quem estava chegando, talvez por tradições que seriam perdidas e rompidas com a chegada de novos professores de outros Estados. Contudo, isso não constituiu situações que me colocaram indisposto a me relacionar.

As disciplinas foram Atletismo, optativa na licenciatura, pois o CEFD só contava com um curso, e Atletismo e Handebol no polo de Nova Venécia. Isso perdurou por cerca de três anos, ou seis períodos, até final de 1997. As idas a Nova Venécia constituíam um esforço grande, pois a viagem levava cerca de seis a sete horas e o retorno idem.

Logo que cheguei, o diretor do CEFD, professor Amarílio Ferreira, convidou-me para publicar minha dissertação de mestrado e me deu uma semana para eu preparar o documento. Não tive tempo e da forma como entreguei ele foi publicado. Foi o meu primeiro livro e ele apaziguou a minha ansiedade de publicar um livro, o primeiro de oito livros publicados e mais dois para 2020. Logo após a minha entrada, chegaram mais três professores: Luís Irapoan, Og Garcia Negrão e Adriano Maia. As discussões no âmbito do Departamento foram mudando e parece-me que ampliaram as constelações de forças. De um lado, paradigmas de uma Educação Física pautada na crítica e tentando apontar as ideias antagônicas existentes e, de outro uma Educação Física pautada nos paradigmas do esporte aplicado. Tais paradigmas foram logo se desvanecendo, devido aos novos atores que encenavam nos corredores do Cefd. No Departamento de Ginástica, ainda em 1998, pude contar com o professor Francisco Caparroz, colega do grupo de estudos em São Paulo. Senti me um pouco mais paulista com a presença desse professor.

Em 1996, um ano após estar na Ufes, fui convidado para ministrar aulas para professores das Escolas da Zona Rural do Norte de São Mateus. Essas aulas ocorreram justamente no período de férias de 1996, mês de janeiro.

Foi uma semana inteira de aulas para 62 professores da zona rural, militantes do Movimento Sem Terra/MST. Logo no ano seguinte, em 1997, outro convite me fez voltar aos estudos das Ciências Sociais. Desta vez fui convidado para ministrar duas disciplinas no curso de Formação de Professores Indígenas, no município de Aracruz. No decorrer de 1996/97 e 1998, ministrei três disciplinas e dois cursos de 40h para um grupo distinto do público da Educação Física e do cotidiano que se via no CEFD.<sup>2</sup>

Em 1997, o Conselho do CEFD me escolheu para coordenar um Curso de Pós-Graduação (especialização) em Educação Física Escolar que transcorreu até 1999. Como coordenador, constatei que as questões estavam mais afeitas às variadas ideias e aos diferentes posicionamentos dos professores em sala de aula, devido às distintas posições políticas e ideológicas dos docentes do curso. Há dois anos no CEFD, e coordenando um curso de pós-graduação com docentes de distintos matizes ideológicos, deixava que as coisas se resolvessem nos discursos, o que me proporcionou ganho de saber como me relacionar com as diferenças.

Interessante salientar que o CEFD, naquela oportunidade, consistia em um Centro de Ensino, com não mais do que 15 professores, um grupo docente diminuto, por isso as cargas horárias e as obrigações de representações eram constituídas pelos mesmos professores. Lembro ter feito parte de três comissões para constituir o PPC dos cursos de Educação Física Licenciatura, tinham necessidade de uma nova formatação e coordenei a Comissão do Curso de Educação Física, na modalidade de bacharelado, em 2006/7. Fui representante do CEFD na Câmara de Pesquisa da Ufes, na Câmara de Extensão na PROEx e em outras representações esporádicas.

---

<sup>2</sup> Nesse momento, outubro de 2019, fui convidado pelo CCHN - PROLIND para ministrar uma disciplina "Concepção de pessoa e práticas corporais", no Curso de Formação Intercultural Indígena para professores indígenas da etnia Tupinikin e Guarany, no município de Aracruz. Nessas aulas pude contar com minha ex orientanda Dra Juliana Saneto.



De 1997 a 1999, fui Tutor do PET da Educação Física. Algo novo que me possibilitou ampliar a relação com os estudantes. Tratando de um leque de estudos com discentes, isso me incentivou a trilhar pelas leituras distintas, mas, quase que em um caminho de mão única, pois, no CEFD, as discussões sobre os estudos de saúde e do esporte, no sentido de treinamento, não possuíam trânsito de debates.

Com a chegada do professor Valter Bracht, veio a iniciativa de constituir um grupo de estudos, em 1996, o qual foi denominado de Laboratório de Estudos em Educação Física (LeseF).<sup>3</sup> O LeseF contou com professores vinculados ao chamado Movimento Renovador da Educação Física. Buscavam, a partir de diferentes temáticas, contribuir para a construção da teorização pedagógica da área, desenvolvendo estudos que permitissem analisar a construção histórica das teorias e práticas pedagógicas da Educação Física e seus desdobramentos contemporâneos, principalmente no campo escolar.

Foram debates incendiosos e agenciados pelos membros do LeseF capitaneados pelo professor Valter Bracht. As diferenças pedagógicas, visão de mundo e de sociedade eram explicitadas nas reuniões. Em debates que, em determinados ocasiões, ocorriam após o expediente da tarde, reuniam-se professores no auditório para falar de algum assunto. Sempre havia algum professor que iniciava o debate. Isso me fez adquirir posições e leituras para subsistir e existir no mundo acadêmico.

Embora meu nome não apareça, como membro de um estudo amplo realizado pelo LeseF, intitulado "A Educação Física como componente curricular e o discurso legitimador", participei desse estudo, deslocando-me

---

<sup>3</sup> Na época alguns professores e estudantes do curso questionam por que laboratório, entendendo que essa denominação não cabia ao grupo (estado do conhecimento daquela época).

por diversos municípios com estudantes bolsistas, visitando escolas. Essa pesquisa trouxe notabilidade ao Lesef pois gerou estudos a partir dela.

Parece-me que, num primeiro momento, todos os professores do CEFD estavam no Lesef, mas, aos poucos, os grupos foram se constituindo até formar uma coesão interna de ideias e posições políticas, e o Lesef não foi suficiente para abarcar diferentes matizes de interesses. Como fiz parte da fundação desse Laboratório, nele estive até o momento em que fui para o doutorado, pois sentia ser necessário cumprir essa etapa.

### **Partindo para o doutorado**

Ao partir para o doutoramento, tinha três opções: realizar o curso na Unimep, Unicamp ou na PUC-SP. Escolhi um contexto e espaços distintos da Educação Física: PUC-SP. No doutorado, realizado entre 1999/2 e 2003, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), entendi e encontrei o que buscava. Estava naquele local onde os grupos de estudos se reuniam: discutiam temáticas das Ciências Sociais. Lá me superei nas leituras e, a partir de então, os estudos socioantropológicos do esporte/jogos e do corpo constituiriam minha área de pesquisa até hoje. O Grupo de estudos da professora orientadora Márcia Regina da Costa constituía de estudos, em sua maioria, na área da *violência no esporte* e o contato com pesquisadores da Sociologia, Serviço Social e Psicologia, me proporcionou consideráveis elementos fundantes para imergir no campo da pesquisa de campo.

No entanto os conhecimentos do doutorado fizeram repensar e confirmar minha vida acadêmica e docente. O atletismo, disciplina que leciono desde a entrada na Ufes, entendo-o como um elemento/objeto pedagógico, pois isso me faz relacionar constantemente com professores da área. O repensar e a reflexão que fiz é que o atletismo, como elemento possível de estudos e pesquisas não me oferecia crescimento no meio acadêmico. As mudanças

no atletismo estão nos novos métodos de treinamento, no atletismo de rendimento. Atuando na licenciatura, o atletismo é visto na ordem pedagógica, na criatividade de ensino e nos métodos de ensino e aprendizagem. Penso que essa disciplina pedagogizada no plano interdisciplinar fornece elementos na formação identitária do professor/bacharel, contudo não vejo possibilidades de criar identidades nos discentes a partir (isoladamente) de uma disciplina. Penso que o *conjunto* de disciplinas do esporte, na formação, poderia ser pensado *conjuntamente*.

### **O retorno ao CEFD após curso de doutorado**

Ao voltar dos estudos do doutorado, procurei me vincular a um grupo de estudos. Analisando a situação e as composições dos grupos de estudos/laboratórios no CEFD, entendi ser melhor formar um grupo. Já era doutor e poderia liderar um grupo. Então nasceu o Grupo de Estudos Socioantropológicos das Práticas Corporais e Estudos Olímpicos (Gespceo), atualmente Cespceo. Essa denominação me contemplava juntamente com os professores Otávio Tavares e Nazareno Borges. Este último atuava com os estudos do lazer. Estamos no ano de 2005/6. Já nessa mesma época (2004), juntamente com o professor Amarílio F. Neto lancei-me a vice-diretor do CEFD, sendo eleito na consulta realizada (2004/2008).

Meus propósitos eram me preparar para publicações para constituir meios que eu pudesse alçar espaços na pós-graduação do CEFD. Optei por seguir discutindo e estudando acerca dos aspectos socioantropológicos do esporte. Oportunamente algumas parcerias de estudos começam a surgir com o Professor Otávio Tavares, seja em bancas de TCC, na Pós-Graduação Stricto Sensu, como banca de qualificação de projeto, de defesa de dissertações e, alguns estudos que foram publicados conjuntamente. Entretanto, essa parceria não foi à frente. Demorou para se conhecer um grupo de estudos, na Base de Diretórios de Grupos, que tivesse o atletismo

como principal objeto na pós-graduação. Contudo, no período de 2004/2006, o CEFD viu a necessidade de propor um curso de pós-graduação (especialização) e fui escolhido para coordenar o (terceiro curso), tendo a chancela do curso de especialista em *Esportes: Bases do Treinamento*.

Entre 2006 e 2010, o CEFD viveu momentos de intensos debates perspectivando o seu futuro no interior da Universidade. Dentre os objetivos do CEFD estavam:

- a) formação de uma comissão para constituir um novo curso, o Curso de Bacharelado. A comissão foi coordenada por mim e composta pelos professores Luis Irapoan e Adriano Maia, subsidiando questões ligadas à Educação Física e à Saúde, Valter Bracht e um representante discente;
- b) formação do curso de Pós-Graduação Stricto Sensu;
- c) Desenvolvimento e dinamização do Laboratório de Fisiologia do Exercício (Lafex). Isso foi possível pois, na contrapartida da reestruturação da Avenida Fernando Ferrari, o CEFD deliberou pela construção de obras;
- d) apoio aos grupos de estudos. Cada grupo em seu espaço, no sentido de estruturar demandas para a pós-graduação. Aí nasce o Gespceo;
- e) extensão - a reestruturação da extensão do CEFD consistia em reformar as áreas esportivas e externas. Esse trabalho esteve sob minha direção. A recuperação da piscina, dos equipamentos gerais e dos equipamentos da sala de ginástica foi um desafio que em 18 meses foi alcançado. Naquela oportunidade, em todas as dependências externas do CEFD, foi colocado um bebedouro. Parece pouco, mas, diante das dificuldades de recursos e da situação estrangulada em que os espaços esportivos se encontravam, foi um avanço na época;

f) reestruturação da Biblioteca Setorial do CEFD. Ampliação da Biblioteca do CEFD.

Havia também necessidade de fortes representações na pesquisa, pós-graduação e no Conselho de Ensino e Pesquisa da Ufes (CEPE) para que os objetivos do CEFD pudessem ser defendidos. Fui indicado ao Cepe, juntamente com outro professor do Departamento de Ginástica.

Em 2006, inicia-se o curso de Pós-Graduação *stricto sensu* no CEFD. Procurei me credenciar na pós-graduação, por iniciativa do professor Otávio Tavares que, na época, coordenava o PPGEF. Em 2010, passei a orientar os dois primeiros mestrados Juliana Saneto, em 2010 e Heloisa Ivone da Silva de Carvalho, em 2012. A primeira discutindo questões da educação e esporte indígena e a segunda caminhando para discussões sobre jogos étnicos raciais/tradicionais.

Como vice-diretor do CEFD, colocava-me frontalmente favorável a Ufes buscar recursos para a construção da pista de atletismo. Na época, tal empreendimento não era bem-visto por uma parcela de professores do CEFD. Até hoje, não sei os motivos que fizeram com que determinados colegas tivessem posições contrárias em algumas instâncias do CEFD.

Concomitantemente apresentei uma proposta de autogerenciamento da área esportiva do CEFD denominada de Instituto de Desenvolvimento de Esporte e Lazer do CEFD (IDEL), a qual tinha como finalidade planejar, coordenar, executar e avaliar a prática de atividades físicas, esportivas e de lazer de alunos, docentes, servidores/funcionários e comunidade externa. A relação com a Reitoria era a melhor possível e garantia a anuência do reitor nessa empreitada, tanto que fomos, em comitiva, a Brasília/DF, em reunião/audiência com o ministro dos Esportes, apresentar o projeto da pista de atletismo, contudo já estávamos em outra direção do CEFD.

Antes de completar dois anos de mandato, o professor Amarílio fora chamado para ser o pró-reitor de Administração da Ufes. Havia duas possibilidades: uma era continuar como vice-diretor e a outra renunciar, assim haveria novas consultas. Quanto à primeira, senti que não receberia adesão de determinados grupos de professores do CEFD, mas renunciar não, pois o REUNI estava batendo às portas e era necessária uma posição frente a essa questão: aderir ou não ao REUNI. Esse foi o motivo pelo qual optei por continuar na vice-direção e houve consulta/eleição somente para Diretor. Permaneci como diretor até que o processo se deflagra-se. Foi eleito, na consulta, o professor Valter Bracht. Esse período não me trouxe grandes experiências estando na vice-direção, pois, em nenhum momento, houve trabalho em conjunto.

Em 2010, devido à saída do coordenador do curso de bacharelado, assumi o cargo tendo como objetivo alcançar algumas demandas: espaços e locais para os Estágios Supervisionados. O estágio supervisionado em saúde, algo novo para o CEFD pois, até então, os estágios eram realizados em ambientes escolares.

Outra demanda era constituir e preparar o curso para a primeira avaliação do MEC, *in loco*, em 2013. Tínhamos débito de professores, estágio na área do esporte e da saúde para solucionar, o CEFD em obras. Essas obras eram fundamentais para uma boa avaliação, pois constituíam pontuações essenciais. Precisávamos de banheiros e sanitários acessíveis; rampas em corredores e dependências externas. Os laboratórios que constituíam local de disciplina do Curso de Bacharelado não tinham infraestrutura. O Ginásio de Esportes passava por recuperação, e a pista de atletismo sem infraestrutura. Há que mencionar ainda que tínhamos uma biblioteca setorial que atendia aos estudantes, assim como a sala de informática, contudo os avaliadores entenderam que a Biblioteca Central seria avaliada.

Ao final, o curso recebeu nota 3, sob minha coordenação, embora esperasse uma nota maior. O Curso de Bacharelado passou por mais uma avaliação (2016), e todas as questões e problemas acima já solucionados.

Nessa mesma época, procurando dinamizar o CEFD e suas relações com a comunidade, empreendemos um esforço para constituir uma Coordenação de Extensão do CEFD. Com a Extensão, foi possível obter 26 bolsas e ter aproximadamente 14 subprojetos de extensão atuando com horários e turmas de alunos da comunidade externa totalmente ocupados. Os projetos de ginástica chegaram a contabilizar 456 alunos, em três turnos de aulas, manhã, tarde e noite. A sala de ginástica consistia no segundo local de permanência (2008/10). Nos projetos de extensão em ginástica artística revelou-se um atleta/ginástica que alcançou em 2007/2009 o quinto melhor resultado do mundo em barras paralelas e o quarto em barra fixa, conforme ranking da Federação Internacional de Ginástica (FIG). E, atualmente, temos um atleta que detém a melhor marca da América nos 100m e vencedor no Mundial Universitário, treinando na pista de atletismo, sem nenhuma relação com os laboratórios que estudam a biodinâmica do movimento humano do CEFD.

Penso que o CEFD ainda carece de uma política de extensão para ambos os cursos. Entendo ser pertinente uma extensão que perpassasse Departamentos, com professores e disciplinas que possam dar aos estudantes, em ambas as modalidades de formação; possibilidades de tratar o ato pedagógico durante todo o curso de formação acadêmica e incentivar os estudantes a conhecer espaços educativos distintos. Não me coloco frontalmente contrário, mas percebo ser pertinente essa questão. Como coordenador do curso quis discuti-la, mas sem sucesso e apoio em todas as instâncias do CEFD. Enfim, o CEFD passou a ter um programa mais sólido de extensão, com a criação do PPU, contudo esvaziado de debate e contextualização em sua essência.

## **Pós-doutorado - reflexões dos limites e transformação das ações pedagógicas**

Em 2013, em contatos mantidos com professores da área de esportes e jogos tradicionais, fui indicado ao professor Manuel Hernandez da *Universidad Politecnica de Madrid*, coordenador do *Museo del Juego*, que me convidou para realizar o pós-doutorado na Espanha. Outro convite me indicando partiu da professora Maria Beatriz Rocha Ferreira (UFGD), o qual me deixara inclinado a aceitar. Contudo não fiz essa escolha por não me sentir apto para assumir as relações que vinham à frente. Como o pós-doutorado era nos EUA, sabia que uma das exigências era a fluência no inglês e as atribuições exigidas, no que venho, desde então, procurando me credenciar em qualquer nível de evento que possa exigir essa habilidade.

Escolhi a Espanha por entender que o objeto de estudos traduzia o que buscava. Jogos tradicionais garantiram as minhas investigações e hoje conto com documentos e dados coletados que tornam possível a publicação de mais um livro e alguns artigos que merecem e possuem profundidade de discussões na área. Sempre faço opção pela pesquisa de campo, por se tratar de uma investigação empírica e realizada no local de onde se encontra o objeto ou ocorre o fenômeno/elementos para explicá-lo. Por poder utilizar ou incluir entrevistas na coleta e utilizando da observação participante, a pesquisa torna-se mais interativa e prazerosa.

O pós-doutorado me proporcionou dois campos de atuação. A Universidad Politecnica possui um Centro de Treinamento em atletismo e a relação dos técnicos e professores com o Brasil é muito ampla. Encontrei professores brasileiros atuando em Madrid e outros técnicos espanhóis que já estiveram no Brasil. A rede de contatos aumentou e, retornando do pós-doutorado, um curso internacional de atletismo estava em pauta, contudo o CEFD não “estava nessa onda”.



Ao retornar tive que fazer opção. Retomar publicações para voltar ao Programa de Pós-Graduação ou continuar estudando. Minha decisão foi continuar estudando sem almejar a pós-graduação. Produzo mais, sem qualquer pressão e, em 2016, publiquei dois livros e estou indo para mais dois até o início de 2020. Alguns interesses já não fazem parte de meus objetivos e nem dos capitais simbólicos que eles outorgam para quem se encontra no campo acadêmico.

Não produzir coletivamente não desumaniza. Os interesses e os projetos, mesmo individualizados, é o sentido da humanização que se atribui na construção da ação do projeto. O sujeito que assume o papel de cumprir um objetivo por ele estabelecido o faz como compromisso pessoal, mas sabe que suas ações, no decorrer de sua vida acadêmica serão avaliadas por outros (é o que está acontecendo agora!) Entendo que, mesmo construindo projetos isolados, seja na extensão, seja na pesquisa e não estando sujeito ao coletivo, os resultados desses projetos serão avaliados e avalizados por um coletivo. Eles serão julgados pelo coletivo de acordo com os resultados que suas ações vierem a promover e a concretizar.

Para consubstanciar o que vinha estudando e produzindo, em 2015, coordenei e organizei o I Seminário Internacional de Educação Física, Esportes e **Comunidades Tradicionais**, voltado para as questões indígenas e comunidades tradicionais. Tal simpósio rendeu o livro intitulado “O jogo das comunidades tradicionais”, publicado juntamente com o professor Felipe Quintão.

A entrada e o relacionamento com professores que estudam a temática indígena, nasceram de um convite da professora Beleni Grando da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) para que pudesse discutir questões do esporte a partir de um ângulo distinto, em 2011. As incursões e a participação dos professores desta linha de estudo, são constantemente

requisitados a articular conhecimentos acerca do esporte, regras e propostas de treinamento.

Com a necessidade de discutir temáticas que o CEFD está tardando em debater e que, na Educação Física brasileira, ainda são incipientes, procurei promover em 2019 o *Simpósio Corpo e Cultura: possibilidades da Educação Física e a Lei nº 10.639/2003*. Isso levou alguns professores do CEFD a estabelecer relações mais estreitas. Nesse sentido foi formado um grupo de estudantes da pós-graduação e graduação, capitaneados por professores de ambos os departamentos do CEFD, para realizarmos o segundo simpósio em maio de 2020, discutindo questões da corporalidade *negra*, identidade e jogos tradicionais da cultura afro-brasileira.

### **Partindo para minhas lembranças ainda presentes**

Chegar até aqui não foi planejado. Ao entrar no Curso de Educação Física, lá em 1982, não imaginava chegar ao final como Professor Titular na Universidade Federal do Espírito Santo, mas alcançar essa posição foram as decisões tomadas, por vezes certas, por vezes aparentes, para não dizer equivocadas, embora esse adjetivo pareça estar presente em todas as decisões/escolhas. Isso ocorreu, na vida profissional, pois *na* pessoal acredito ter feito escolhas sem qualquer ceticismo.

Penso que somos confrontados permanentemente, levados a tomar decisões e fazer escolhas com maior ou menor peso, com base nos nossos desejos, nas oportunidades, nos obstáculos, nos meios disponíveis e nos valores diante das situações que se apresentam nos contextos de experiência. Tomar decisões está relacionado com o fenômeno da incerteza, pois nas escolhas, por mais racionais que sejam, não temos certezas de identificar as consequências das ações. Na maioria das decisões que tomamos, a incerteza é mais regra do que exceção.

Em uma autoavaliação, acredito que agreguei à minha trajetória acadêmica alguns quesitos, entre os quais:

- a) ***comprometimento***: trabalhando com prazer, com consciência da necessidade do meu trabalho;
- b) ***autoestima***: sempre tive consciência do meu valor pessoal, conhecendo minhas potencialidades e capacidades de realização. Como um cidadão/homem negro, no contexto da sociedade brasileira, sei que houve várias situações que me deixaram à beira de conflitos, mas eu as superei; ou, talvez, nem precisei superar e dei conta disso antes de qualquer situação. Somei essas situações ao meu rol de resiliências acumuladas ao longo de minhas relações e por onde passei;
- c) ***competência estética***: penso que sempre procurei a totalidade nas minhas ações pedagógicas. As características de minhas ações se revelam nas minhas imaginações, na criatividade e na sensibilidade de organização de minhas emoções.

Assim, posso afirmar, que neste momento, ao pleitear o cargo de professor Titular na Universidade Federal do Espírito Santo é uma pretensão baseada nas oportunidades que a carreira universitária me ofereceu e eu soube aproveitar.

Vitória, verão (março) de 2020.

*José Luiz dos Anjos*

*(Zé Luiz)*